

UNIP– Universidade Paulista
Campus Colíder
Curso: Letras

A linguística em constante variação, linguagem usada na escrita da Mario de Andrade em *Macunaíma*

Claudinea Alves Pereira

Juliana Fraporti

Queila Pereira de Almeida

Maristela Conceição Pereira

Lucineia Alves dos Santos Araújo

Colíder

2012

Claudinea Alves Pereira
Juliana Fraporti
Queila Pereira de Almeida
Maristela Conceição Pereira
Lucineia Alves dos Santos Araújo

**A linguística em constante variação, linguagem usada na escrita da Mario
de Andrade em *Macunaíma***

COLÍDER-MT
2012

SUMÁRIO

Resumo.....	06
.Introdução.....	08
Da língua à Mario de Andrade.....	11
1.Macunaíma.....	12
1. 2.bibliografia do autor.....	13
2. O que é lingüística.....	13
A linguística na sociedade o “erro” ou variação e mudança da língua de acordo com o tempo em que se realiza.....	14
Sociolingüística.....	15
2.3 variações social	17
1.Gramática normativa e uso da língua	19
2. Dos termos culturais, mistura da língua.....	22
3. Da variação ao modernismo.....	22
1.1 Gramatica funcional.....	24
1.2 Gramática tradicional,	25
1.3 Gramática comparativa.....	26
1.3.1	
Diacronia.....	27

1.3.2

Sincronia.....	27
Considerações finais.....	28
Bibliografias	28
Anexos.....	29
Resumo	

O objeto da presente pesquisa é a variação da língua escrita e desenvolvida pelo personagem de Mario de Andrade em Macunaíma.

Termos aqui tratados serão marcados e comentados tendo como base para análise a construção de um pequeno corpus onde será observada a valorização de língua espontânea desenvolvida todos os dias por indivíduos comuns, em seguida buscar nas teorias dos estudos realizados por lingüistas, conceitos auxiliares na decisão do tema variação.

Verificam-se a hipótese introdutória inicial da língua como um sistema mutável, sujeito aos indivíduos que a desenvolve.

Abstract

The paper presents the theme of linguistic variation according to time, when the discourse that develops with the use of quotations from literary works and studies by linguists who studied the language variation. And through the facts of everyday life as in the case of William Labov, conducted interviews with individuals and found that the language varies according to geographical location, social situation in which individuals enter and time in that speech develops.

Keywords: linguistics, sociolinguistics, literature.

Introdução

A variação linguística, um conceito defendido por vários teóricos, que tiveram como principal interesse estudar a variação da língua em funcionamento.

É oportuno falar da obra mestra de Mario de Andrade, já com amplo conhecimento do autor de Macunaíma, que registrou em sua obra muitas das características da fala espontânea, que o autor ouviu da boca do povo, através de pesquisas empíricas Brasil afora, criando arquivos pessoais que mais tarde serviram de alicerce para a construção deste livro. Mario de Andrade recriou tudo que leu, viu e ouviu. Como as crenças populares:

“_Mãe, sonhei que caiu meu dente.
_Isso é morte de parente, comentou a velha.
_Bem que sei. A senhora vive mais uma Sol só. Isso mesmo porque me pariu.”

E ditos repetidos pelos adultos para as crianças curiosas:

“Macuniama perguntou pra cascata:

_o que é isso!

_chouriço!”

A criação marioandriana aqui objeto de estudo, apresenta variação do português e a mistura desta língua europeia à língua indígena brasileira que posteriormente será comentada por linguistas conceituados.

Marcos Bagno apresenta temas contundentes para provar que o fato do desenvolvimento uma linguagem solta e sem medo de não estar de acordo com a gramática normativa da língua portuguesa não pode ser considerado “erro” e sim variação. Para Marcos Bagno;

As gramáticas normativas, em geral, fazem uma apresentação anacrônica da língua, isto é, desvincula dos usos reais contemporâneos, até mesmo da escrita literária atual. No entanto justamente por ser vernáculo o terreno onde brota a mudança linguística, é que devemos nos dedicar a conhecê-lo melhor e descrevê-lo com mais precisão. (Marcos Bagno 2009, p.141)
(Nada na língua é por acaso)

E por isso é preciso estabelecer estratégias de análises linguísticas utilizando nomenclaturas, existentes dentro do campo de acordo com estudos realizados por Ferdinand Saussure.

Relacionar resultados de teorias e fatos comprovados por meio de estudos de teóricos neste campo dos estudos desenvolvidos em diferentes tempos em vez pressupor estratégias linguísticas entender as já existentes.

Minha pesquisa busca expandir o conceito da língua fruto de seu meio, assim como Mario de Andrade apresentou uma linguagem solta sem se preocupar com as regras ditadas pela gramática normativa, os personagens usam da linguagem coloquial ao longo de toda obra.

Para mim, qualquer atividade comunicativa oral, não pode levar em conta somente a língua desenvolvida, mas sim o meio que essa comunicação se desenvolve, o contexto social, geográfico, históricos dentre outros, deve se enfatizar na análise compreensiva, capaz de lidar com diferentes tipos de desenvolvimento de uma mesma língua a comunidade linguística. No contexto da escrita marioandriana como foi verificado foram usados vários termos para designar nomes de pessoas, Macunaima, Ci, de lugares Araguaia, Tietê; de animais , jaturana , saúva e plantas paxiúba , baguaçu, típicos da América Latina, (Aixela 1996, p.58).

A pluralidade linguística e estilística da obra “Macunaíma” , é fonte inesgotável de análises tendo assim muito a oferecer aos estudos da variação da língua realizado pelos brasileiros. Pensando na possibilidade de trazer uma pequena contribuição ao

campo de variação linguística que o projeto para o presente trabalho foi traçado segundo Alkmin:

A sociedade linguística tendo como ponto de partida estudos sociolinguísticos, constitui-se por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras (Alkmin, 2001, p31).

Mário de Andrade apresenta as misturas de raças presente no povo brasileiro com um personagem que nasce “preto da cor da noite” vira índio e depois branco de corpo cabeludo como o europeu.

O trabalho tem por objetivo levar conhecimento, ainda que superficial sobre a evolução da língua na história do “herói de nossa gente” e também a importância do português falado por pessoas comuns.

A língua se mantém em constante variação, Ferdinand Saussure fundou a linguística enquanto ciência que estuda sua constante evolução, no trabalho nos propomos assinalar essa variação na fala do personagem bem brasileiro de Mário de Andrade, e por isso em evidência a alteração que a língua sofre em seu funcionamento, mudanças que se dão na troca de experiências e ideias dos falantes.

Saussure nomeou língua como um sistema de relações em um determinado idioma pelo qual os indivíduos se relacionam entre si. Nosso estudo tem como prioridade o estudo da variação presente na obra que pode ser considerada a representação da fala dos brasileiros de acordo com meios sociais em que o personagem se encontra, ao longo da rapsódia.

A importância de estudar, aprender e ensinar uma língua, sob a perspectiva sociolinguística, percebermos a dinamicidade a que está ciência exposta e derrubar mitos, de que somente regras da gramática normativa está correta.

A partir daí a necessidade de ver as variantes linguísticas como objeto de estudo, com intuito de facilitar a aprendizagem da língua, e fazer com que a sociedade letrada não nutra o preconceito quanto a variantes linguísticas.

Essas variantes são culturas construídas por nós membros da sociedade, transmitimos tradições e crenças de geração para geração, acumulando assim experiências, e tudo isso se transmite através da língua, verbal ou não.

Para entender a escrita de Mario de Andrade primeiro é preciso conhecer a variação que ocorre na língua em funcionamento para que não cometamos equívocos, referidos à escrita do poeta ou à fala espontânea realizada por pessoas comum.

Para Marcos Bagno (2009) as línguas não se decaem, não progridem, não evoluem e nem agem de acordo com nenhuma metáfora que implicam de um ponto final específico ou um nível de excelência. Elas simplesmente elas simplesmente mudam, com as sociedades. Se a língua morre é porque seu *status* na sociedade se alterou de acordo com suas culturas. Uma língua não morre porque “ficou velha demais” ou porque “se tornou muito complicada”, como às vezes se pensa. Ela pode mudar por que está perdendo vogais e ganhando letras que não existe na grafia da gramática normativa, como a palavra “calça” que os mineiros e a maioria das pessoas do meio rural falam “carça”.

O escritor a ser estudado explorou tanto a grafia quanto a fonologia das palavras, para que haja relação interna entre sujeito e sociedade é necessária a fusão entre língua e sociedade. Estas são questões a serem abordados ao longo deste trabalho.

DA LÍNGUA A MARIO DE ANDRADE

A língua, algo complexo e mutável e independente ela é personagem de sua própria história e a portuguesa existe há muitos séculos. Ela surge de um dialeto chamado galaico português referente à Galiza e Portugal, com o tempo os falares foram se diferenciando até o português ser uma língua independente e o galaico foi absoldido pela unidade castelhana originando o espanhol.

O primeiro texto escrito em português que se tem registro é a cantiga de guarvaya também chamada de “cantiga da ribeirinha” por ter sido dedicada a D. Maria Paes Ribeiro amante de D.Sancho I. O testamento de Afonso II (1214) terá sido os mais antigos registros de texto escrito em português.

Em 1536 Fernão de oliveira edita a primeira gramática da língua portuguesa intitulada (Gramática da linguagem portuguesa) e em 1540 João de Barros escreve com o mesmo título a segunda, então a evolução constante da língua e da gramática

Mas a língua falada no nosso país continua em constante evolução, depende de que fala para quem fala e o meio em que se realiza a comunicação entre os indivíduos.

Ao lermos “Macunaíma” de Mario de Andrade nos deparamos com variações decorrentes ao movimento literário a traços característico da mistura de povos presente no Brasil, é claro que essa variação não está presente apenas nesta obra, mas aqui iremos estudar particularmente a linguagem abordada por Mário Raul de Morais Andrade.

A obra objeto de nosso estudo. Foi publicada em 1928, a obra modernista apresenta várias diferenças de escrita que não segue a gramática normativa da língua portuguesa, ao contrário do romantismo que a linguagem é rebuscada adequada às normas de escrita do português.

O autor apresenta um multiculturalismo característico da linguagem desenvolvida por brasileiros, e o herói representa a fusão entre o português trazido de Portugal pelos colonizadores com a língua tapayuna do povo indígena personagem do livro.

Mario de Andrade buscava em sua obra aproximar a língua escrita da falada e ao longo da obra ele substituiu “se” por “si”, “cuspe” por “guspe”.

No trecho “carta pras Icamiabas” o autor satiriza a forma que a gramática manda escrever uma carta, o personagem escreve conforme a grafia arcaica de Portugal explicando as diferenças das regras normativas arcaicas da língua falada

“Ora sabereis que sua riqueza de expressão intelectual e tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra”

Daí pode concluir que a linguística é uma relação entre o ser humano e a ciência do conhecimento, as variações de acordo com a comunidade em que e insere algo mutável que parte da fragmentação de palavras mudadas de acordo com o indivíduo que a exerce, na escrita ela segue a gramática normativa e na fala espontânea ela segue a variação decorrente ao meio.

Houve a investigação sistemática e evolutiva da língua, psicologicamente. Pronuncia das palavras a fonologia, morfologia e sintaxe, revolucionando a linguística e visível evolução nos padrões de escrita e fala. Segundo Labov há uma importância da linha de pronuncia que sempre se renova, este estudo pretende esclarecer que não há deficiência verbal e sim diferentes dialetos.

1. MACUNAÍMA

Publicado em 1928, Macunaíma é a renovação da linguagem literária, uma obra pilar da cultura brasileira, o autor trouxe em sua escrita a proposta de renovação da literatura brasileira. Em uma narrativa onde o personagem enfrenta aventuras fantásticas e picaresca o autor da obra introduz temas mitológicos e folclóricos indígenas.

Mario de Andrade propõe uma nova organização da linguagem literária, com uso da fala como é desenvolvida de acordo com a sociolinguística.

Mas o escritor escreveu como um nacionalista crítico que percebeu em sua vivência a diferença entre o português falado no Brasil por pessoas comuns e o desenvolvido nas obras literárias desenvolvia uma diferença imensa. O autor buscava a igualdade real da cultura brasileira.

Mas não somente rejeitar o que vem de fora, e sim aproveitar o que é bom como uma linguagem brasileira.

1.2 BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

A língua é o objeto alvo do estudo da sociolinguística, pois esta é o instrumento que as pessoas usam para se comunicar e interagir entre si, e pode ser considerada um organismo vivo, já que é mutável.

Possenti (1996), “não há língua que permaneça uniforme, todas as línguas mudam, esta é uma das poucas verdades indiscutíveis e relação às línguas, sobre a qual não se pode haver nenhuma dúvida” (grifos do autor).

2.0 QUE É A LINGUISTICA?

Linguística tem como definição a ciência da linguagem, ou seja, o estudo científico da linguagem. É uma ciência “empírica por que trabalha com dados verificáveis por meio da observação” (PETTER, 2002: 21). Mesmo que para muitos linguistas essa definição não se limita ao estudo do termo linguagem pois para os mesmos a linguística não deveria se preocupar em defender um status um termo científico.

Entre os séculos XIX e XX surge a linguística saussuriana, que foi responsável pelas principais mudanças no campo dos estudos linguísticos realizada pelo linguista suíço Ferdinand Saussure que foi um dos mais importantes personagens no conhecimento da língua como ciência, que realizou relevantes estudos relacionado a linguísticas indo-europeias em destaque foram suas aulas de linguística geral é considerado o pai da linguística moderna.

A linguística moderna vê a linguagem humana como objeto de análise, e tem por objetivo explicar a linguagem por meio de descrição, das manifestações das falas naturais, e não cabe a linguística estudar outras linguagens como corporais como a dança, não verbais

como mímicas ou língua de sinais. Não é qualquer estudo, mas, o estudo a língua verbal oral e escrita.

A partir de conceitos apresentados por Saussure mudaram se completamente o modo de encarar esta ciência estabelece dicotomia de tratamento da linguagem, e relação entre língua e fala diacronia e sincronia, composição de signos linguísticos significado e significante.

Para Fávero, é

O conhecimento implícito que faz com que um indivíduo fale uma língua como falante nativo. Abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar o português, passando pelo conhecimento do vocabulário e das regras da língua, chegando ao conhecimento sobre o uso da língua. Permite a percepção dos vocábulos e seu agrupamento em frases identificando categorias com sintagma nominal, sintagma verbal e funções como sujeito e objeto. (FAVERO, 1995,p.71)(grifo nosso)

2.1 A LINGUÍSTICA NA SOCIEDADE, O “ERRO” OU VARIAÇÃO E MUDANÇA? A LÍNGUA DE ACORDO COM O TEMPO EM QUE SE REALIZA.

A ciência da língua propõe entendimento dos conceitos de variação e mudança da língua em funcionamento, e reconhece a língua como algo heterogênea, variável, mutante.

A gramática tradicional enseja por construir uma língua como uma entidade homogênea. Saussure reconhece a ligação entre língua e sociedade, e a variação linguística com um fato social,

Por meio de observação de pessoas que usam a língua para interagir com o mundo, há a percepção que conhecemos bem a nossa língua materna, pois conseguimos nos comunicar com eficiência, mesmo que haja variação de cunho geográfico ou de nível social econômico ou de grau de escolaridade, os conceitos de língua linguagem e fala enunciado e discurso, mesmo sem conhecimento da gramática normativa da língua portuguesa, não como imaginar como seria a sociedade sem a linguagem, simplesmente não existiria, por que não há uma sem a outra, daí a necessidade de estudar a sociolinguística.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA

A ciência da língua que estuda a relação entre língua e sociedade, surgiu em 1960 nos Estados Unidos quando os linguistas perceberam que não podiam estudar esta ciência sem incluir a sociedade no estudo, a língua em funcionamento. Estes estudos foram impulsionados por Willian Labov que a partir de dados recolhidos por meio de observação das falas orais cotidianas, particularmente da fala espontânea. Labov tem muito a nos revelar acerca da língua em funcionamento a indissociabilidade entre língua e o contexto social estabelece heterogeneidade ordenada como fator constitutivo de um sistema linguístico descartando-se então a uniformidade como característica única do jogo comunicativo na linguagem oral. (Labov, 1975, p.203).

Labov começo a investigar a linguística por meio de entrevistas, gravadas e através dessas conversas percebeu que a fala cotidiana envolvia muita variação, e que a linguística padrão não estava preparada para lidar com essa particularidade da língua em sociedade, a partir daí começaram a desenvolver ferramentas para estudar a variação e seus fenômenos, desenvolveu importantes estudos nesta área, e definiu a como particularidade o campo de estudos a variação cotidiana, realizou um levantamento dos principais fatores que contribuem para essa diversidade, tais como grau de escolaridade fatores geográficos e sociais (idade, sexo, classe social, grau de escolaridade, contexto em que a língua materna foi adquirida).

A naturalidade com que os grupos usam esta língua para se comunicarem entre si, fica evidente a fusão entre a linguística e a sociedade, onde a pronuncia e uso da língua portuguesa apresenta constante variação, não há português errado ou correto e sim diferentes funcionalismo devido ao meio em que o indivíduo se insere, como afirma alguns linguistas que não existe erro e sim variedade linguística, Marcos Bagno afirma que :

A noção de “erro”, em língua, tem a mesma origem das outras concepções de “certo” e “errado” que circulam na nossa sociedade. Assim, é bom lembrar logo de saída que todas as classificações sociais e culturais de “certo” e “errado” são resultantes de visões de mundo, de juízos de valor , de crenças culturais , de ideologias e, exatamente por isso , estão sujeitas a mudar com o tempo. , por exemplo, até bem recentemente era “errado” a mulher se casar sem ser virgem...

Na sociedade contemporânea é indiscutível o fato de que a língua varia de modo lento e gradual de acordo com a comunidade falante.

Para Manoel Cohen há a necessidade de um diálogo entre ciências humanas e afirma que “os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sócias”, Cohen defende que os estudos de aspectos internos e externos de uma língua devem ser realizados separados, e estabelece tópicos de estudos sociológico prioritário, definindo a relação entre língua e sociedade a partir de fatores históricos, econômicos, e históricos.

A fusão entre língua e sociedades se dá pela consideração da língua com instrumento de comunicação que é comum a um grupo, da sociedade, impulsionando a produção infinita de mensagens e variedades ilimitadas. A língua é um instrumento para interagirmos com o mundo ao redor de todas as coisas.

Nos primeiros estudos realizados por Ferdinand Saussure, ele estudou a linguagem oral, e sua relação entre homem e sociedade, no século XIX, e a partir daí foram desenvolvidos vários estudos nesses campos científicos, sociais e históricos. Na década de 60 houve a definição de um novo fenômeno linguístico a ser estudada, a interrelação entre língua e sociedade foi cunhado como sociolinguística, e estudada por vários filósofos linguistas e gramáticos.

Mas a esse respeito Câmara Jr.(1975, p.50) Em seu texto *história da linguística* nos apresenta a visão do linguista alemão Schleicher, que impactou os estudos já realizados no século XIX, ele colocou a linguística no plano das ciências naturais e, separou completamente a linguística da sociedade. E devido a esse fato a ciência que estudava a linguagem do século XX teve um papel decisivo na relação entre o código da língua em funcionamento na sociedade, como referência a ordenação e tradição estruturalista, de Ferdinand Saussure em seu *curso de linguística geral*, (1916).

O estruturalismo eliminou toda consideração social, histórica e cultural no âmbito descritivo analítico e interpretativo do fenômeno linguístico. Saussure distinguiu a linguística externa da interna e realçou o caráter formal dos fenômenos linguísticos, distinguiu a oposição entre estudos linguísticos contemporâneos, as divisões de estudos formais opondo as orientações de estudos contextuais que produziram variam outras disciplinas atuais, como a psicolinguística, a etno-linguística e o objeto de nosso estudo, a sociolinguística, então foi a partir do século XX que a linguagem começou a ser estudada levando e consideração os fenômenos históricos sociais. Como dado momento em que se realiza um estudo sobre a variação que se dá por meio da fala em prática, há variações que são fenômenos particulares de tempo, espaço e meio social.

Na linha de pensamentos conduzidos por teorias de Saussure podemos lembrar Bakhtin (1997, p.123), quando critica a postura saussuriana, afirma que tomamos a língua no ponto de vista do indivíduo é arbitrária, e que não há relação entre o que o pai da linguística denominou significado e significante. No entanto o sistema linguístico único e imutável evolui. Para o teórico, a verdadeira essência da língua é constituída pelo fenômeno social de interação verbalizada por meio de enunciações daí a percepção de fenômenos históricos e sociais permeando a comunicação.

O lingüista Jakobson (1973),tem uma visão diferente do ponto de vista de Bakhtin, mas que vai de encontro com o ponto de vista exposto a pouco, que considera fatores sociais inferindo a linguagem. Jakobson ao se tratar da língua e contexto social, enfatiza o processo

comunicativo, privilegia os aspectos funcionais da língua e aponta como fatores constituintes do ato comunicação verbais remetente, o destinatário, a mensagem, o canal, o código e contexto sendo que cada um desses fatores determinará diferenciadas funções da linguagem.

O Frances Emile Benveniste, em seu livro Problemas de linguística geral (1989),p.27) te matizou as questões de relação entre língua e sociedade. "... são dentro da e pela língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente" uma vez que os indivíduos se manifestam na língua, ela é a manifestação e concretização de pensamentos do homem, que cria vínculos entre o homem e o mundo que o cerca, é pela língua que fica registrada a marca de sua existência. Benveniste (1989, p.99), a definição de um meio social se dá através da língua, por isso, "(...) a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, interpretar tanto a natureza quanto a experiência."

Em 1964 houve um congresso organizado por William Bright, na universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), que reuniu nomes como John Gumpers, William Labov, Einar Haugem, Dell Hymes, este congresso teve grande contribuição no fortalecimento dos estudos relacionados à língua em sociedade, em 1966 foi publicado o livro com os assuntos abordados e desenvolvidos no congresso na área da sociolinguística, com o título de *Socollingustcs* , nesses textos à vertente "As dimensões da sociolinguística" nesse texto, Bright define como tarefa da sociolinguística (...)demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e sociolinguística.

2.3VARIAÇÃO SOCIAL

A língua é considerada um reflexo das diferenciações sociais. significa que incluir as variações linguísticas de uma sociedade as diferentes estruturas sociais.(Alckmin, 2004,p.28).

Por meio da sociolinguística podemos conhecer variantes linguísticas que antes dessa ciência eram ignoradas, e questões relacionadas ao ensino, como o porquê crianças frutos de meios sociais menos favorecidos reprovam na disciplina de língua portuguesa. Passou se a conhecer as singularidades e particularidades, ninguém é igual ao outro somos seres particulares, adotamos a maneira de falar conforme o local em que estamos localidade geográfica em que inserimos a variação diatópica, posição social, denominada de variação diastrática.

Com relação à variação diastrática, considera fatores dominantes como: a classe social do falante, sexo, idade, escolaridade e situação social em que está inserido Labov (1963). Na obra estudada o personagem desenvolve uma linguagem fruto de variações próprias de seu meio social.

Segundo Labov(1963), os fatos da língua não condicionados por fatores extralinguísticos, como classe social idade entre outros em constante estados de mudança. Sendo a língua heterogênea, fixam se fatores de extrema relevância, para determinar as variantes linguísticas de acordo com a comunidade falante.

Labov por meio de pesquisas observou a importância de analisar a interdependência entre domínio da linguagem e o meio social, ofereceu nós a possibilidade de entender e observar a língua cotidianamente, por que a variedade padrão define o que é certo, que as vezes dissemina a ideia errônea de que as outras variantes, são inferiores a padrão.

A partir da teoria laboviana, percebemos que as variantes desenvolvidas por Mario de Andrade na fala de seus personagens na obra-estudo como quando lemos a não concordância verbal, de acordo com o senso comum pode se julgar errado, mas para a ciência da língua é apenas uma variante. As variantes a que somos expostos não há nada de errado com elas.

Alckmin (2004,p.41), no século XVI:

(...) as construções sintáticas do tipo “se esta gente, cuja valia e obra tanto amaste/não queres que padeçam vitupério”
(concordância do sujeito *gente* como o verbo flexionados no plural) – hoje consideradas incorretas – são encontradas em *Os Lusíadas*, de Camões (1572).

Essas são construções adequadas, pertencente a variante padrão, presente na obra *Os Lusíadas* de Camões, exposta a pouco é do século XVI, e como já mencionado a escrita tem a ver como o momento, em que a obra se realiza, uma vez que homogeneidade linguística é um mito. A escrita marioandriana nos instiga conhecer as variantes linguísticas, através de uma visão modernista.

Estudar as variantes para não nos prendermos ao senso comum do português certo ou errado, para ter maior flexão linguística comunicativa.

Mario de Andrade emprego processos de formação da linguagem indígena oral e popular de maneira inovadora na literatura da época, o autor empregou a fala espontânea de termos indígenas e traços da língua africana e termos folclóricos integrados ao português escrito sem limites do real ou irreal.

Como afirma Marcos Bagno, não é a língua que muda e sim os falantes, que a desenvolve que evoluem junto com a sociedade, a língua é a principal característica das mudanças de acordo com a cronologia dos anos.

1.GRAMÁTICA NORMATIVA E USO DA LÍNGUA

Macunaíma se comunica de uma maneira debochada, mesmo sem o conhecimento da gramática normativa.

Como na passagem que o autor narra :

Quando os manos passavam perto dele, se agachava e gemia de fadiga.

_Deixe de trabucar assim, piá!

Aqui a representação de que para transmitir uma mensagem em dada língua não é necessário dominar o uso da língua padrão ao fazer uso de uma variante coloquial e em situação de prestígio social, cultural que pode desencadear situações de preconceito linguístico. Marcos Bagno explica;

Por exemplo: alugam-se salas ou aluga-se salas?

Apesar da gramática normativa exigir o verbo no plural, a grande maioria dos brasileiros (e dos portugueses) mantém o verbo no singular. E não é por ignorância nem por preguiça nem por qualquer outra explicação preconceituosa desse tipo. A análise sintática tradicional é que é lógica, ao atribuir a função de sujeito a SALAS, como se salas alugar alguma coisa, um verbo que só pode ser desempenhado o por seres humanos. O falante intimamente, analisa SALAS como objeto direto e o pronome SE como o verdadeiro sujeito da oração semanticamente indeterminado...

(Marcos Bagno 2009,p.75)(nada na língua é por acaso)

Marcos Bagno cita dois poetas brasileiros do século XX que se referiram em suas obras à situação polarizada, que caracteriza nossa realidade. Um poema que fala muito sobre a situação polarizada do português brasileiro, é “Aula de português” (do livro Boitempo) de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

A linguagem

Na ponta da língua ,

Tão fácil de falar

E de entender

A linguagem

Na superfície estrelada das letras,

Sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
E vai desmatando
O amazonas de minha ignorância
Figuras de gramáticas, esquipáticas ,
Atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já não sei a língua em que comia,
Em que pedia para ir lá fora,
Em que levava e dava pontapé, A
língua, breve língua entre cortada
Do namoro com a prima.

O português são dois, o outro, mistério.

O poema faz referência ao português aprendido na escola, a reação negativa de uma personagem sensível aos métodos de ensino da língua, assim como Mario de Andrade renega a linguagem culta e normativa para valorizar a fala espontânea no decorrer da narrativa. A citação do filósofo Carlos Góis (1881-1934) no poema, que é autor de obras gramaticais empregadas nas escolas brasileiras no início do século XX.

. A representação da variação da linguística está presente em várias outras obras literárias brasileiras escritas após o modernismo. Outro poema que se refere à língua falada e escrita e aqui citado por nós é “Evocação do Recife” de Manoel Bandeira, publicado em 1930;

[...]

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Por que é que fala gostoso o português do Brasil.

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

[...]

Neste trecho podemos ver ocorrências do português usado no cotidiano. A língua escrita (“jornais”, “livros”) a língua escrita (“boca do povo”). O poeta também faz oposição entre o português falado pelos brasileiros (“português do Brasil”) e o português europeu (“sintaxe lusíada”), distingue o português falado por “nós” os letrados e o “povo”.

Manoel bandeira (1930) neste poema e Mario de Andrade em *Macunaíma* descreve através da literatura a ciência da língua em funcionamento, a sociolinguística e suas variedades linguístico. Para marcos Bagno não há erro na língua falada pelos brasileiros, apenas variedade.

(2009)

Assim como há uma mistura de raças, ausente de traços únicos, negros, índios, europeus. Houve uma adaptação do português europeu para o “brasileirês”.

2. DOS TERMOS CULTURAIS, MISTURA DE LÍNGUAS.

Na narrativa aparecem termos indígenas, não designado a origem e análises no corpus, termos que apareceram como sendo do tupi guarani de acordo com o dicionário, mas também os termos do português europeu e da linguagem afro descendente presentes na narrativa. Segundo Rodrigues(1994, p. 19) 170 línguas indígenas existem atualmente, e na época do descobrimento estima se que existia o dobro desse número.

No dicionário Aurélio a definição de “índio” é “historicamente a designação genérica dada a populações que habitava a América quando houve a chegada dos conquistadores europeus; atualmente aplica se a qualquer indivíduo que pertence a grupo étnico descendente ou supostamente descendente daquelas populações”. (*Dicionário Aurélio século XXI*)

Vale lembrar que Mario de Andrade além de escritor e músico também foi etnólogo, e é possível que a origem do uso de termos indígenas com intimidade pelo autor seja devido a este fato. Assim podemos dizer que a variedade linguística torna *Macunaíma* uma obra notável na literatura e no campo da ciência que estuda a variação, a mudança da língua de acordo com o contexto em que o falante se insere.

Baseado no que aqui se expos, no presente trabalho considero que houve uma fusão do português a língua indígena e descrição de culturas trazidas pelos afros descendentes, portanto não reconhecida por uma só língua, mas por várias, fruto de uma fusão automática presente na comunicação diária de cada um, pautado em nas raízes de cada falante.

2. DA VARIAÇÃO AO MODERNISMO

Em obras literárias do acervo cultural histórico brasileiro é perceptível a atualização da linguagem usada de acordo com o tempo que foram publicadas e público alvo. Compararmos aqui a escrita “Macunaíma” à linguagem usada na obra “O mulato” de Aluizio de Azevedo.

Veja um trecho da obra de Aluizio de Azevedo:

_Como te chamas?...Não respondes então com certeza és Manoel!...

...o cônego levantou se foi encostar-se ao para peito da varanda, enquanto Ana Rosa, que continuava a cortar unhas, ia em segredo perguntando a este se não tinha saudades de sua terra e se não chorava ao lembra se da mãe.

(Aluizio de Azevedo, 1881.p.20)(O mulato)

Percebe se como a língua é usada de forma culta de acordo com as características dos personagens, nível social e tempo como são apresentados os diálogos, ”_como te chamas” ou... ”és Manoel”...

Compare um trecho da obra “Macunaíma”, esta obra é a representação do brasileiro:

Então Macunaíma quiz se divertir um pouco. Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jeju muito matrinchão e jatuaranas , todos esses peixes no rio, fossem bater timbó!...

_Não se encontra mais timbó.

Macunaíma disfarçando secundou:

_Junto da grotta onde tem dinheiro enterrado enxerguei um despotismo de timbó.

_Então venha com a gente pra mostrar onde que é...

Já na obra de Mario de Andrade, a linguagem é mais solta não culta e com características modernistas onde o autor rejeita tudo que é estrangeiro para valorizar o que é nacional, (Alambert 1999 p.28).

A mistura do português com a linguagem indígena de tribo Tapanhumas, como na língua portuguesa falada, com traços característicos da mistura de raças e culturas do povo brasileiro, com o nome próprio, Iraci, Juraci que são usados por pessoas não indígenas.

Mas vale lembra que embora Mario de Andrade tenha sido um dos pilares do modernismo não concordava completamente com as teorias modernistas, e embora haja característica que o possam identificá-lo como antropofágico o autor discordava da proposta de Oswald Andrade de absolver influencias externas, como já foi mencionado o criador de *Macunaíma* valorizava o que era nacional.

Nessa linha de pensamento Jaffe (2001 p.14) cita Darcy Ribeiro, para quem

Macunaíma não é antropofágico e se adequa a “clássica” maneira do modernismo e sim “endofágico”, pois não se trata “do Brasil engolindo e transformando o estrangeiro e sim de um Brasil engolido por si mesmo”.

No artigo que Alfredo Bossi assina em Lopez (1988 p.173), por Márcia Moura onde o crítico aponta nítidas características de que o modernismo brasileiro assumiu feições primitivas do final da década de 1920, que teria exercido relevantes influências em Mario de Andrade. O autor define como “*primitivismo estético*” da época sendo:

Reviravolta nos processos de mimesis literária...Um fastio de estilizações brilhantes e afetadas que povoam a cena da “Belle Époque” tem como correlato a sondagem do mundo onírico individual, e mais ampla esfera, o encontro maravilhoso como imagens e ritmos das culturas indo-europeias(...)

O “primitivismo moderno”, continua Bossi ultrapassou códigos da prosa da tradição naturalista e regionalista, e Mario de Andrade empregou processos de combinações da linguagem indígena a linguagem popular desenvolvida no Brasil, de uma maneira que até então não se havia visto na literatura brasileira.

Mario de Andrade constrói um herói nacional tal como as características morais, usou das lendas brasileiras e provérbios típicos da linguagem popular de algumas regiões do Brasil.

Assim *Macunaíma* se enquadra perfeitamente na representação da mutação da língua falada, de palavras que originam de neologismos criados pelo povo brasileiro. Para que possa perceber as variações linguísticas, a diacronia e sincronia presentes na obra, descoberta ao analisar diálogos, escritos pelo autor

1.1 GRAMÁTICA FUNCIONAL

Com base na língua funcional a linguagem é entendida como peça chave para a interação dos indivíduos inseridos na sociedade. Sob foco da interação entende-se que cada falante tem competência comunicativa, que funciona de maneira recíproca entre falantes de uma dada língua, possibilitando troca de experiências linguísticas, mentais ou práticas. A teoria linguística da gramática funcional, atenta para as questões que partem da linguagem e atuam na competência comunicativa, além de se preocupar com a prática deste em um meio de interação social.

Para a gramática funcional os princípios sintáticos e semânticos da língua se expandiram a partir do princípio pragmático. (motivações psicológicas dos falantes, reações dos interlocutores, tipos socializados da fala, objeto da fala, etc.)

O teórico Dik (1980), afirma que a gramática funcional possui dominação por que tem base na visão funcional da natureza da linguagem, essa visão exige uma regra central de descrição das categorias linguísticas, assim a gramática funcional menciona relações funcionais a partir dos níveis linguísticos semântico, sintático e pragmático.

Mas para Marcos Bagno (2009) a gramática normativa oferece suas explicações sem especificar que as regras que elas descrevem e prescrevem, que não se aplica a todos os usos possíveis da língua e não especificam a variedade linguística que estão trabalhando, considera que a gramática normativa não é importante para, que qualquer interlocutor

transmita uma mensagem não é necessário entender todos os âmbitos da gramática normativa.

1.2 GRAMÁTICA TRADICIONAL

Não há uma definição considerada verdadeira para a história da ciência da língua, pois há distintas explicações e variadas análises resultantes de diferentes percepções do mesmo fato. Existem vários estudos filosóficos culturais para definir a linguística.

A interação social da fala de Macunaíma, seus manos e todos outros presentes na escrita do livro, sob o foco da interação social, desenvolvem a competência comunicativa e há reciprocidade entre os mesmos possibilitando troca de ideias.

O linguista John Lyons, escreveu um dos livros considerado iniciação da linguística, traduzido e publicado no Brasil em 1979, o primeiro capítulo da obra se dedica a perspectiva a linguística moderna, que propõe um estudo descritivo e explicativo dos aspectos linguísticos. Para Lyons a língua escrita sempre foi objeto de estudos dos antigos.

A visão de gramática tradicional do período alexandrino (século III a.C.) era que a língua escrita era superior a falada então priorizava o estudo da escrita.

Essa abordagem do estudo da língua cultivada pelo classicismo alexandrino envolvia dois erros fatais na concepção. O primeiro diz respeito à relação entre a língua oral e falada, e o segundo, a maneira como a língua evolui. Podemos colocá-los, ambos, dentro do que chamarei “o erro clássico’ no estudo da língua”.

(LYONS, 1979:9)

Os gramáticos romanos consideravam a escrita de Cícero e Virgílio, escritores clássicos como correta, e baseando se nessa escrita e nos estudos realizados por escritores gregos mantendo assim a abordagem errada de descrição linguística, dedicaram se a descrever a gramática, e essa foi a linguagem que permanece até a idade média, durante século XVII e que ainda é defendida pelo senso comum até hoje.

A análise gramatical greco-romana também foi utilizada para a descrição de línguas não europeias, como o armênico, árabe, hebraico, mesmo antes da Renascença.

(LYONS, 1979:18)

A gramática tradicional pretendia ditar como a língua deveria ser, mas a linguística moderna quer saber como a língua é em funcionamento contemporaneamente, que aqui é o objeto de nosso estudo. A gramática normativa ainda mantém se na mente das pessoas.

João de Barros (1540) define um modo certo e justo de se escrever, seu livro, *Gramática da língua portuguesa* onde descreve o modo que o português falado e escrito deveria ser correto e normativo, a fim de modelar a língua, claro que somente os nobres faziam uso dessa maneira de se falar o português já que, naquele tempo apenas os mais afortunados sabiam ler e escrever. Sendo assim apenas as pessoas cultas mantinham a pureza da língua, enquanto os ignorantes e iletrados tenderiam a corrompê-la. Lyons (1979)

Sendo assim pela visão prescritiva da gramática, os falantes devem obedecer às regras impostas tanto na fala quanto na escrita. Essas afirmações só começam a ser negadas a partir do surgimento da gramática comparativa.

1.3 GRAMÁTICA COMPARATIVA

A análise comparativa se deu no século XIX, definia se por uma investigação cuidadosa e objetiva dos fatos da língua de acordo com o que poderia se chamar de ciência naquela época.

Realizaram se estas investigações sobre as estruturas das línguas europeias e comparadas as estruturas do sânscrito, que resultou na percepção das semelhanças entre várias línguas, e daí a uma hipótese sobre a origem das línguas europeias e indianas tivessem a mesma origem, ou seja, partiram da mesma língua mãe, que foi denominada indo-europeias.

1.3.1 DIACRONIA

Por estudo diacrônico entende se a transformação da língua através do tempo, assim como os estudos da gramática comparativa, do século XIX.

Como exemplo dessa transformação da língua através do tempo o pronome “você” é um fato diacrônico, já que ele variou ao longo dos séculos XIX até XXI, que usava se vossa mercê > vossemecê>vosmecê>você, e nos dias atuais em conversas eletrônicas entre mensagens eletrônicas, “vc”.

1.3.2 SINCRONIA

O estudo sincrônico é o estudo da língua em determinado período, ignorando suas transformações.

Em uma análise sincrônica a palavra “comer”: “com” é um elemento linguístico que se define em relação a outros elementos linguísticos do português brasileiro. Assim, ao se constar que o elemento aparece em outros contextos como “comilança”, “comida”, “comeu” verifica se que ele se define como uma radical. Entendendo- se por radical aquele elemento da estrutura da palavra cognatas que expressa um significado comum. FIORIN,2002:79

A distinção entre diacronia e sincronia foi estabelecida por Ferdinand Saussure.

Um estado absoluto define se pela ausência de transformações e como, apesar de tudo, a língua se transforma por pouco que seja, estudar um estado de língua vem a ser praticamente desenhar as transformações pouco importantes, do mesmo modo que os matemáticos desprezam as quantidades infinitesimais no cálculo de logaritmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados representados no trabalho e reflexões feitas até o momento, percebemos que Mario de Andrade na escrita do livro *Macunaíma*, faz a representação da língua desenvolvida por pessoas comuns, a materialização da sociolinguística. A mudança da língua em função de evolução linguísticas dos falantes de acordo como o tempo e meio social em que a mesma se desenvolve, que pode ser considerada um ser vivo e mutável, presente em circunstâncias cotidianas reais. Já que língua e sociedade assim como foi representada na obra, a língua tem uma relação íntima e indissolúvel ao ponto de vista científico, e que uma não funciona sem a outra, a fala tem o propósito de inteirar os falantes em um determinado contexto discursivo.

Conceituar a variação linguística não é uma tarefa fácil, dado o fato de que muitas definições existentes tendem a mostrar-nos que há variação, mas a maioria das pessoas não as conhece tachando às vezes de erro, e daí a importância de conhecer o fato variedade linguística.

Não obstante há um ponto consensual entre os linguistas, que a verificação do modo como os usuários da língua natural em *Macunaíma* representado pelos personagens, se comunicam com eficiência por meio da linguagem espontânea. Isso implica em conferir a relevância do estudo da variação do discurso enquanto expressão linguística no ato da comunicação entre indivíduos.

E que os brasileiros assim como o Brasil possuem características próprias que se aplica aos falantes e literatura escrita, há ocorrências de variação tanto na escrita quanto na linguagem oral, e pelo fato da gramática se encarregar de pregar regras, as mesmas não se aplica a língua em funcionamento.

BIBLIOGRAFIAS

Arca literária. Mario de Andrade. *Macunaíma*, p.07. Disponível em :<http://download.baixatudo.globo.com/docs/Macunaíma.pdf> >acesso em 05, Nov.2011.

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004

Bagno, Marcos, 1961- *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*/ Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral II*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989.

BRIGHT, W. *As dimensões da sociolinguística*. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CÂMARA JR., J. M. *A concordância*. In: *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1975.

DIK, C. S. *Seventeen sentences: basic principles and application of function grammar*. In: MORAVCSIK, E.; WIRTH, J. R. (Ed.). *Syntax and semantics*. v.13 Current Approaches to syntax. Londres/New York: Academic Press, 1980.

FIORIN, J.L. *Teorias do signo*. In: FIORIN, J.L. (Org.) *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.

JAKOBSON, R. *Lingüística e poética*. In: *Lingüística e comunicação*. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1973.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Oxford: Black Well, 1994

LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. SP: EDUSP, 1979.

PETTER, M. *Linguagem, língua, lingüística*. In: FIORIN, J.L. (org.)

Introdução à lingüística./Objetos teóricos. SP: Contexto, 2002.

RAMOS, GRACILIANO, 1892-1953. *Vidas secas*/ Graciliano Ramos; prefacio de Marlene Felinto. – 104ª Ed. –Rio de Janeiro: Record, 2008.